

Governo dobra aposta nas reformas

33
El

FHC se reúne com líderes para apressar votações. Malan anuncia envio de mais dois projetos de mudança constitucional

João Pitela Jr. e Nelson Torreão

Da equipe do Correio

A resposta do governo brasileiro à crise financeira que vem derrubando as bolsas em todo mundo, com epicentro na Ásia, será reafirmar a política econômica e intensificar o processo de mudança estrutural da economia, disse ontem o ministro da Fazenda, Pedro Malan, durante almoço com um grupo de jornalistas. Ele reafirmou que a política cambial não mudará e que as taxas de juros seguirão em trajetória decrescente.

"Não vemos razão para mudar a atual política econômica em seus aspectos gerais, mas vamos acelerar o processo de mudanças", disse Malan, referindo-se às propostas de mudanças na Constituição em exame pelo Congresso — como as reformas administrativa e da Previdência Social — e a alteração da legislação trabalhista para permitir a criação do contrato temporário de trabalho.

Malan anunciou que ainda este ano o governo enviará ao Congresso um outro conjunto de propostas: a reforma fiscal — compreendendo não apenas a reforma tributária, mas também a reestruturação dos gastos públicos, um trabalho coordenado pelo secretário-executivo da Fazenda, Pedro Parente — e uma segunda rodada da reforma da Previdência, que vem sendo preparada pelo economista André Lara Resende.

Malan e Lara Resende reuniram-se com o presidente Fernando Henrique Cardoso no fim de semana, mas segundo o ministro, o encontro não teve nada a ver com os problemas na Ásia. Malan voltou a encontrar-se ontem com Fernando Henrique, desta vez na companhia do ex-ministro da Economia argentino Domingo Cavallo, hoje deputado pela oposição.

Hoje pela manhã, no Palácio da Alvorada, o presidente Fernando Henrique recebe os líderes da ban-

cada governista na Câmara dos Deputados para avaliar a tramitação do projeto da reforma da Previdência, que está na pauta da convocação extraordinária. O porta-voz Sérgio Amaral disse ontem que a aprovação da reforma da Previdência e da administrativa (que está no Senado), é "importante, neste momento, porque pode contribuir para uma sinalização positiva de que a economia está consolidada". Ele afastou a possibilidade de que o governo venha a adotar novas medidas para enfrentar a crise asiática. "Basta aprovar as reformas que já estão no Congresso", resumiu.

ELEIÇÕES

Malan admitiu que apenas a atuação do Banco Central, na defesa do real contra eventuais ataques especulativos — aumentando a taxa de juros ou atuando no dia-a-dia do mercado de câmbio — não é suficiente. "Nós nunca dissemos que seria", lembrou. Para Malan, a resposta brasileira à crise não pode se limitar ao Executivo, principalmente num ano eleitoral.

O ministro procurou explicar que hoje, cada vez mais, os mercados procuram olhar o futuro, mais do que o passado. Daí, segundo Malan, a importância de que todos os candidatos às eleições presidenciais deste ano demonstrem ter responsabilidade política e dêem sinais de que estão comprometidos com as reformas.

Além do reforço às medidas na área fiscal, Malan defendeu uma ação internacional "mais proativa" em socorro aos países da Ásia. Ele citou como bom sinal o fato de que o Japão, depois de seis anos de estagnação, começa a entender que o desempenho de sua economia é importante também para a estabilidade na Ásia e em todo o mundo.

"Temos de ter o mínimo de confiança em que o Japão saberá se reerguer", disse. O ministro acredita que a mobilização mundial a fa-

Paulo de Araújo 24/6/97



Malan sobre mais um dia de crise: "Vivemos num mundo perigoso", em que é rápido e barato mobilizar dinheiro para um ataque especulativo

vor de uma solução da crise vai aumentar.

ESTABILIDADE

Malan citou, ainda, como fatores de estabilidade mundial a pujança da economia dos Estados Unidos, que tem apresentado crescimento sustentado com estabilidade de preços, e o fato de que a Europa foi até agora pouco afetada pelos problemas na Ásia. Mesmo no Brasil, disse, as bolsas tiveram crescimento de 33%, em dólar, no ano passado.

Malan recorreu várias vezes a citações do economista americano Paul Krugman para explicar as especificidades da crise financeira mundial. Esta, segundo o ministro, não é uma crise cambial clássica (em que os países quebram por falta de reservas internacionais), mas decorreu de problemas do sistema financeiro asiático, que emprestou demais sem ter garantias suficientes, e da supervalorização de imóveis e ativos financeiros, como as ações. Ao contrário da Ásia, disse, o Brasil

vem fazendo o ajuste do seu sistema financeiro há três anos. E se mantém como segundo receptor mundial de investimentos diretos, depois da China, com US\$ 17 bilhões no ano passado. "Teremos pelo menos isso em 98", previu.

Ele lembrou duas vezes que o responsável pela quebra da Peregrine — instituição financeira de Hong Kong —, que puxou a queda nas bolsas ontem, é um operador com pouco mais de 30 anos, responsável pela administração de US\$ 1 bilhão,

que emprestou US\$ 260 milhões a uma empresa de táxi. Muitos desses operadores, disse, não estavam no mercado há dez anos, quando a bolsa de Nova York quebrou, e estão acostumados a anos de valorização seguidos das ações.

"Vivemos num mundo perigoso", disse o ministro, citando Krugman mais uma vez, ao admitir que o avanço da tecnologia de comunicação torna muito mais fácil e barato mobilizar dinheiro para um ataque especulativo.